

Primeiro “caderno de campo”: uma experiência etnográfica na Festa do Divino de Piracicaba

Fernando Monteiro Camargo



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1384>

DOI: 10.4000/pontourbe.1384

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

ISBN: 1981-3341

Referência eletrónica

Fernando Monteiro Camargo, « Primeiro “caderno de campo”: uma experiência etnográfica na Festa do Divino de Piracicaba », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 24 dezembro 2014, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1384> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1384

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

Primeiro “caderno de campo”: uma experiência etnográfica na Festa do Divino de Piracicaba

Fernando Monteiro Camargo

- 1 Com o intuito de contribuir para as pesquisas de campo de estudantes de graduação em Ciências Sociais, depois de três anos de minha primeira experiência etnográfica decidi revisitar meu primeiro “caderno de campo”. Não sei bem se posso chamar de caderno de campo, porque, na realidade, nessa primeira experiência eu me esqueci de levar papel e caneta. As anotações vieram depois, dentro do carro, antes de voltar para casa.
- 2 Antes de mergulhar no caderno de campo, resultado dessa experiência, é necessário distinguir a *prática etnográfica* da *experiência etnográfica*. Segundo Magnani (2009), a *prática etnográfica* é programada, contínua; já a *experiência etnográfica* é imprevista. Podemos dizer que a *prática etnográfica* é um movimento que exige do pesquisador estar presente com regularidade. Nela, o pesquisador estabelece uma “relação que se prolonga no fluxo do tempo e na pluralidade dos espaços sociais vividos cotidianamente pelas pessoas” (Cornelia, Rocha 2008:4). Ao contrário da *prática etnográfica*, a *experiência etnográfica* é uma incursão a campo, que pode ser realizada em algumas horas de pesquisa, de *passagem* (Magnani 2009). De *passagem* pela cidade, “o pesquisador procura percorrê-la observando espaços, equipamentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz” (Magnani 2009:106-107).
- 3 Em julho de 2011, aventurei-me na Festa do Divino Espírito Santo¹ de Piracicaba com a proposta de fazer uma etnografia da festa, afinal esse era o tema que eu havia escolhido para meu trabalho de conclusão de curso. Essa escolha deu-se porque, nessa mesma época, como estagiário do Departamento de Patrimônio Histórico² de Piracicaba, fui designado para realizar um levantamento do patrimônio imaterial da cidade, e a Festa do Divino foi a primeira manifestação escolhida para este levantamento.
- 4 Acordei às 8 horas do primeiro domingo de julho de 2011 para iniciar minha pesquisa de campo, no que eu acreditava ser o primeiro dia de festa. Digo “acreditava” porque, depois

desse primeiro dia de pesquisa, percebi que a festa começava muito tempo antes, e aquele momento era o resultado de um processo. Como estudante de antropologia e pesquisador de primeira viagem, fui despreparado para esse dia de festa no Largo dos Pescadores³. Não levei papel, caneta e, muito menos, máquina fotográfica.

- 5 Estacionei meu carro a quatro quadras do local e dirigi-me a pé para lá. Estava confuso com o que iria fazer e encontrar. Ao chegar ao Largo dos Pescadores, deparei-me com o Salão da Irmandade do Divino Espírito Santo de Piracicaba; até esse dia, apesar de frequentar a região, desconhecia a existência desse espaço. Havia muitas pessoas dentro e na porta do salão para assistir a uma missa que já havia começado.
- 6 As pessoas disputavam espaço na entrada do salão e eu não consegui entrar. Dessa forma, não consegui acompanhar nenhuma parte da missa. Estava nervoso com minha pesquisa e já havia começado errado. Afinal, não consegui acompanhar a missa, que me parecia fundamental naquele ritual. Resolvi, então, ficar do lado de fora do salão e tentar algum contato com as pessoas que estavam por ali. Essas pessoas eram curiosos, repórteres, fotógrafos, cinegrafistas e outros pesquisadores que disputavam brechas entre os devotos do Divino que acompanhavam a missa na porta do salão para conseguir imagens do lado de dentro.



Salão da Irmandade do Divino Espírito Santo⁴ - Fotografia cedida por: *Hugo Luz*

- 7 Comecei, então, a conversar com os fotógrafos que estavam por ali. Perguntei se podiam me disponibilizar fotografias daquele dia, acreditando que as imagens fotográficas diriam mais sobre aquele momento do que minha própria experiência. Ingenuamente, tinha a ideia de que meu olhar, deslumbrado com o contato com o novo, podia perder muitas coisas importantes daquele dia e acreditava que poucas coisas podiam fugir das imagens fotográficas de profissionais experientes.
- 8 As conversas com esses fotógrafos foram cruciais para eu entrar naquele universo, e ainda acabei conseguindo algumas fotografias. Nessas conversas, percebi que eu não era o único pesquisador do lugar, o que me deixou ainda mais inseguro, afinal eu era o único, aparentemente, que não tinha nem um pedaço de papel e caneta para anotar o que

observava. Senti que não conseguiria realizar a pesquisa porque já tinha perdido muita coisa. Assustava-me a quantidade de pessoas querendo captar imagens e informações sobre a festa.

- 9 Eram tantas pessoas pesquisando, fotografando e fazendo reportagens que eu me perguntava: por que meu olhar sobre essa festa se fazia tão necessário? Eu estava de fato deslumbrado com o movimento que a festa produzia naquele espaço. Mas o que haveria de tão inovador que eu pudesse desvendar? Antes de chegar lá, tinha imaginado uma festa “tradicional” realizada por uma comunidade de velhinhos, praticando um ritual de uma tradição fadada ao esquecimento. Sentia-me um antropólogo clássico, preocupado em registrar aquela “cultura” antes que tudo desaparecesse. Já havia lido, obviamente, toda a discussão de que a cultura não é um objeto em via de extinção (Sahlins 1997). No entanto, a ideia de registrar algo que podia desaparecer parecia bem mais interessante para um estudante de graduação. É óbvio que o que encontrei foi o contrário dessa visão que eu havia construído. O que vi foi um teatro muito bem armado, com seus atores sociais, velhos, jovens, crianças e todo o assédio da mídia local.
- 10 Caminhando do lado de fora do salão, esperei a cerimônia acabar e fui me familiarizando com o local, ouvindo os sons, sentindo os cheiros, observando a paisagem. O sol da manhã refletindo no rio Piracicaba fez com que o ambiente fosse ainda mais agradável. Como todo esse cenário era completamente diferente daquele que eu tinha construído em minha cabeça, tudo era novo para mim, em especial as cores, vermelha e branca, que chamaram minha atenção. Sem perceber, eu estava sendo conquistado por meu objeto de estudo.
- 11 Ao terminar a missa, pessoas vestidas com roupas vermelhas e brancas começaram a circular pelo local com mais intensidade. Bandeiras do Divino Espírito Santo carregadas por pessoas da Irmandade do Divino também começaram a fazer parte da paisagem. Estas bandeiras eram vermelhas, com uma imagem do Divino bordada em branco, no centro. No alto do mastro dessa bandeira havia uma pomba prateada envolta por um arco com flores brancas. Fitas coloridas nas quais as pessoas davam nós completavam esse aparato. Caminhando, fui observando e tentando localizar o que era, de fato, importante para a pesquisa.



Ao lado do Salão da Irmandade do Divino Espírito Santo - Fotografia cedida por: *Ivan Moretti*

- 12 Durante esse percurso, procurando situar-me no campo, tentava alguma aproximação maior com pessoas que me pareciam mais “dispostas a conversar”. Mas foi lendo o *folder* de divulgação da festa que descobri que estava presenciando o dia da “Derrubada dos Barcos”. Perguntava-me quais seriam as pessoas interessantes com quem conversar posteriormente; seriam os membros da organização, os devotos mais emocionados, ou ambos?
- 13 Uma banda, União Operária de Piracicaba, uniformizada, de calça preta, camisa azul e gravata preta, chamou-me a atenção. Eles ensaiavam algumas notas do lado de fora do salão. Antes mesmo de a missa terminar, a banda posicionou-se à porta do salão e começou a tocar o Hino Nacional brasileiro. As pessoas, de costas para a banda, ouviram o hino e, depois, acompanharam o final da missa. Pareceu-me que a banda antecipou-se no momento de tocar o hino, causando a interrupção da missa. Era tudo muito confuso para mim e eu não conseguia distinguir o que fazia e o que não fazia parte do *script*.



Banda União Operária - Fotografia cedida por: *Ivan Moretti*

- 14 Ao terminar a missa, as pessoas posicionaram-se ao redor dos dois barcos que se encontravam ao lado do salão de festas. Portadores de bandeiras do Divino colocaram-se à frente dos barcos, formando um corredor. O primeiro barco era carregado por homens, entre eles os membros da Irmandade, vestidos de branco e vermelho, e autoridades políticas. À frente deste barco, um homem vestido com roupas vermelhas e brancas determinava o ritmo da caminhada até o rio Piracicaba. O segundo barco era carregado por mulheres, e seguia as mesmas características do barco carregado por homens. Logo à frente dos barcos, no corredor marcado pelas bandeiras do Espírito Santo, um casal levava uma bandeira do Divino, a chamada Bandeira-Mãe. Os fotógrafos posicionaram-se à frente desse corredor de bandeiras e disputavam lugar para tirar as melhores fotografias. Acompanhei um pouco de longe, com medo de atrapalhar o trajeto até o rio.



Homens em volta de um dos barcos - Fotografia cedida por: *Ivan Moretti*

- 15 Percebi, neste momento, a presença de muitas crianças e jovens vestidos com roupas de marinheiro brancas e vermelhas, desmistificando a imagem que havia construído antes do trabalho de campo, a de que era uma festa fadada ao esquecimento. Durante a caminhada até à margem do rio, gritos de “Viva o Espírito Santo” eram pronunciados a todo o momento; estes gritos eram respondidos por todos que estavam no local: “Viva”. Muitas pessoas emocionavam-se durante a caminhada e tinham lágrimas nos olhos.
- 16 Os dois barcos foram levados para a margem do rio Piracicaba. Dentro de outro barco maior, posicionado dentro do rio, encontrava-se um padre, além de outros membros da Irmandade. Algumas palavras foram ditas por esse padre, e os barcos foram “derrubados” na água. Novamente, gritos de “Viva o Espírito Santo” foram ouvidos, dando início a uma salva de morteiros que durou poucos minutos. Os dois barcos foram conduzidos por barqueiros rio acima enquanto membros de um grupo de congada realizavam cantorias. Nesse momento, acompanhei a cerimônia bem de perto, junto aos devotos do Divino, no barranco na margem do rio.



Barcos na margem do rio Piracicaba – Fotografia cedida por: Ivan Moretti

- 17 A banda União Operária posicionou-se próxima à margem do rio tocando o hino da cidade de Piracicaba enquanto as pessoas caminhavam com suas bandeiras de volta para suas casas. Esperei mais um tempo, refletindo sobre tudo que tinha vivenciado naquele dia. Ainda não encontrava sentido em minha pesquisa, e não imaginava como transformá-la em uma pesquisa antropológica. Será que tinha feito uma pesquisa etnográfica? Caminhei até meu carro e, antes que me esquecesse, resolvi anotar a experiência daquela manhã em um pequeno caderno que carreguei em meu carro, o *caderno de campo*. Nesse momento, consegui organizar um pouco aquelas imagens fragmentadas que havia criado em minha cabeça.
- 18 Ao voltar para casa, trouxe comigo uma nova experiência que, aos poucos, à medida que realizei leituras sobre a pesquisa etnográfica e sobre as Festas do Divino, foi ganhando sentido e transformando meu olhar. A *experiência* começou a transformar-se em *prática*. Percebi que a “escolha” de acompanhar a missa fora do salão tinha sido mais interessante para minha pesquisa. Do lado de fora, consegui perceber quem fazia parte da organização festiva, quem fazia parte da organização religiosa, quem fazia parte do “pedaço”, e quem não fazia.
- 19 Voltei para o Largo dos Pescadores todos os outros dias da semana, em diferentes períodos do dia. No primeiro dia da festa, construí uma rede de contatos que me possibilitou reencontrar essas pessoas em outros momentos. A partir daí, fui construindo meu caderno de campo, conforme as conversas começavam a fluir. Dessa forma, a *experiência etnográfica*, marcada por ansiedade, inexperiência, ingenuidade e curiosidade, permitiu o contato com a festa do Divino em um ambiente privilegiado de lazer e sociabilidade, marcando o início de minha pesquisa e possibilitando a construção da *prática etnográfica*.

BIBLIOGRAFIA

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. 2008. “Etnografias, saberes e práticas”. *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 9, n. 21.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2009. “Etnografia como prática e experiência”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul.-dez.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2009. “Etnografia urbana”. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença. (Orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, pp. 101-113.

SAHLINS, Marshall. 1997. “O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção”. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1-2.

NOTAS

1. A Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba comemorou, em 2013, 187 anos de existência.
 2. O Departamento de Patrimônio Histórico faz parte do Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba, uma autarquia municipal.
 3. O Largo dos Pescadores está localizado na margem esquerda do Rio Piracicaba, próximo à rua do Porto. O local faz parte de um corredor de lazer na cidade de Piracicaba que se transforma em diferentes temporalidades, sendo ora ocupado por jovens em busca do lazer noturno, ora por festas tradicionais, como a do Divino Espírito Santo. Às vezes vira local para jogar caxeta, outras vezes é espaço de ensaio de escola de samba.
 4. Todas as fotografias foram gentilmente cedidas por fotógrafos com quem conversei no primeiro dia de da Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba em 3 de julho de 2011.
-

RESUMOS

Este texto é uma reflexão sobre meu primeiro “caderno de campo”, produzido ainda como graduando do curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puc-Campinas). O objetivo é, a partir dessa experiência etnográfica, refletir sobre a prática antropológica e, dessa forma, contribuir com os pesquisadores que estão se aventurando pela primeira vez no campo de pesquisa antropológica.

This paper is a reflection on my first “field notebook”, produced while I was still a Social Sciences undergraduate student at PUC-Campinas. The goal is to reflect on the anthropological practice, based on this ethnographic experience, thereby contributing with researchers who are venturing for the first time in the field of anthropological research.

ÍNDICE

Keywords: ethnography, field notebook, Divine Holy Ghost Festival

Palavras-chave: etnografia, caderno de campo, Festa do Divino

AUTOR

FERNANDO MONTEIRO CAMARGO

Mestrando em Ciências Sociais pela Unifesp, pesquisador do Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas (Visurb). Graduado em Ciências Sociais pela PUC de Campinas. E-mail: camargo.fmc@gmail.com.